

## **Dossiê *Marxismo e produção de conhecimento em Relações Internacionais*: introdução**

A publicação do dossiê *Marxismo e produção do conhecimento em Relações Internacionais* ocorre em um momento no qual o debate sobre relações internacionais vem ganhando mais centralidade na agenda pública brasileira. Pelo menos dois fatos impulsionaram tal debate. Primeiro, o impacto da pandemia de COVID-19 explicitou o desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo (TROTSKI, 1977) no mundo e a elaboração e distribuição da vacina um *apartheid* da vacina (PRASHAD, 2022), evidenciaram posições, conflitos e diferentes recursos dos Estados nacionais. Segundo, o triunfo de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais, em outubro de 2022, também trouxe efeitos imediatos de reposicionamento do Estado brasileiro na política internacional. Demonstrações disso são os reconhecimentos quase instantâneos de sua vitória e a participação de Lula na Comissão das Partes (COP 27) antes mesmo de tomar posse. Estes fatos indicam que, se antes política internacional e política externa eram temas restritos às universidades ou talvez a debates eleitorais, vemos em 2022 uma maior centralidade deles nos discursos e medidas presidenciais. Esta conjuntura, no caso brasileiro, tem como protagonista o governo Bolsonaro (2019 - 2022) e sua política externa, que posicionou o Estado brasileiro como 'pária internacional', caracterização proferida em discurso pelo próprio ex-ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo.

Esses são apenas dois fenômenos recentes que demonstram como os objetos de estudo da área acadêmica de Relações Internacionais estão em destaque, principalmente no Brasil. Mas em âmbito mais geral, a crescente internacionalização produtiva e a dimensão das cadeias produtivas globais próprias do capitalismo em sua fase monopolista têm entrelaçado questões que antes se apresentavam como 'domésticas' e passam a ganhar uma dimensão irreversivelmente

internacional. Chama-se de globalização ou mundialização do capital. O que temos explícito é que a internacionalização de temas antes tidos como 'internos' às fronteiras de cada Estado nacional expandem as pesquisas da área, exigindo reflexões e pesquisas que conectem as questões domésticas e externas.

Especificamente para as investigações vinculadas ao recorte teórico-metodológico do Marxismo, o desafio está em analisar esses temas que ganham uma dimensão internacional às questões do capitalismo enquanto modo de produção mundializado: classes sociais, Estado capitalista, organizações internacionais, luta de classes, ideologia, desenvolvimento desigual e combinado, dependência, relações centro-periferia, hierarquia de poder internacional. Há uma interconexão entre essas questões, que são fruto de análise de estudiosos marxistas desde o final do século XIX, e temas que vêm ganhando espaço na agenda de pesquisa de RI hodiernamente, quais sejam: migrações internacionais, educação, saúde (políticas públicas e sociais, em geral) e organismos internacionais, cooperação internacional, Sul Global, extrema direita mundial, etc.

Se estes temas tomam centralidade na agenda de pesquisa contemporânea, é importante lembrar que desde a segunda metade do século XX, antes da consolidação da área acadêmica de RI nas universidades brasileiras, diversos pesquisadores/as e intelectuais das Ciências Sociais no Brasil e na América Latina já desenvolviam pesquisas e análises sobre as relações internacionais a partir da perspectiva marxista. Teóricos/as e analistas da dependência indicavam que o processo de desenvolvimento do capitalismo na periferia continha particularidades e era e continua sendo necessário pesquisá-lo. Realizaram investigações sobre temas como: o lugar das economias latino-americanas na expansão mundial do capitalismo as mudanças inerentes ao avanço do capitalismo monopolista a entrada de capital internacional nos países da região por meio de desterritorialização da produção e de investimentos as particularidades do Estado dependente, entre outras questões. Com o desenvolvimento acadêmico das Relações

Internacionais no país, diversas/os pesquisadoras/es marxistas na área, em boa parte inspirados/as pelos esforços dependentistas, realizaram trabalhos em diferentes centros e universidades, ainda que sob pantalha.

Octávio Ianni ressaltou algo importante: a análise feita por pesquisadores latino-americanos sobre o capitalismo dependente “envolve a adoção da perspectiva crítica oferecida pela própria sociedade subordinada; particularmente a perspectiva daqueles que são subordinados, na sociedade subordinada”. (IANNI, 1974, p. 171) e pode ser compreendida como o equivalente ao “aprofundamento da análise do imperialismo, vista da perspectiva do país subordinado” (IANNI, 1974, p. 176).

Nesse sentido, o presente dossiê é uma iniciativa da Rede de Estudos em Relações Internacionais e Marxismo (RIMA). Fundada em 2016, tem como objetivos o avanço na organização e divulgação de atividades e na sistematização e publicação de artigos de pesquisadoras/es que trabalham com a perspectiva marxista na área de Relações Internacionais. Assim sendo, o dossiê soma-se a esse esforço, buscando contribuir com o debate entre essas autoras e autores e auxiliar na difusão de pesquisas que utilizam prioritariamente o arcabouço teórico e/ou metodológico marxista na sua produção de conhecimento. Entendemos que estamos em um momento de maior diálogo entre Marxismo e RI na academia brasileira. Isso permite olharmos para esta produção com maior circunspeção, como demonstra a entrevista com o professor Luís Fernandes, na qual buscou-se explorar os diálogos entre o Marxismo e a produção marxista de RI na especificidade de sua desenvoltura no Brasil.

Os textos publicados nesta edição buscam contribuir com estes desafios. A entrevista mencionada *Diálogos entre Marxismo e a área acadêmica de Relações Internacionais no Brasil* apresenta a desenvoltura da relação entre o Marxismo e a área acadêmica de Relações Internacionais no Brasil. O Professor Luís Fernandes contextualiza o desenvolvimento da disciplina, cujas raízes no centro do imperialismo

se deparou com uma rica tradição marxista tanto na academia como na política brasileira. Frente aos desafios a serem enfrentados, o entrevistado nos oferece importantes apontamentos para pensarmos o futuro da produção científica marxista no Brasil.

Três publicações aqui contribuem no amplo debate teórico sobre a caracterização das relações internacionais no capitalismo, envolvendo temas como imperialismo, desenvolvimento desigual e combinado, relações centro-periferia, Estado e democracia na periferia do capitalismo. A primeira delas é a inédita publicação, em português, do artigo *A questão da via democrática ao socialismo* do pesquisador mexicano Jaime Osorio, traduzida por Octavio del Passo. Neste texto, Osorio realiza um debate teórico a partir da tese de Nicos Poulantzas sobre uma “via democrática ao socialismo”, levando em consideração as experiências concretas dos governos progressistas e populares na América Latina do século XXI.

Também contamos com o artigo *O imperialismo hoje: Harvey, Wood e Lenin*, de Pedro Mattos, que apresenta as teses sobre o imperialismo desenvolvidas por David Harvey e Ellen Wood e uma crítica a ambas à luz da teoria clássica do imperialismo de Vladimir Lenin. Para além do debate substantivo que desenvolve, vemos em Mattos o desenvolvimento da leitura dialética entre um trabalho clássico e outros contemporâneos. A crítica dialética é desenvolvida no questionamento do que foi perdido na desenvoltura do pensamento sobre o imperialismo entre este primeiro e segundo momentos. Caio Bugiato resenhou a obra *Teoria das relações internacionais: contribuições marxistas*, organizado por Ana Prestes e Diego Pautasso. O livro, publicado em 2021, trouxe artigos de pesquisadores marxistas brasileiros, colaborando com o esforço intelectual que tem sido feito no Brasil em torno da promoção de encontros entre o Materialismo Histórico e as Relações Internacionais.

Na história do Marxismo no Brasil também há uma rica reflexão sobre a formação social brasileira e o papel das classes dominantes. São inúmeros os clássicos que discutem e caracterizam sobre a inserção

do Estado brasileiro na política internacional e da nossa economia dependente na divisão internacional do trabalho, considerando o desenvolvimento da burguesia - e de seus fracionamentos. Caio Prado Júnior, Sérgio Silva, Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Décio Saes, Jacob Gorender e Fernando Henrique Cardoso são alguns deles. Ao longo dessas reflexões, estabeleceram-se profundos debates sobre a caracterização dessa classe dominante: podemos falar em burguesia nacional?; quais as relações das frações da burguesia brasileira com o capital externo?; haveria a formação de uma classe burguesa transnacional?

Neste dossiê, temos a contribuição de três artigos que dialogam com as questões acima elencadas, apresentando pesquisas em torno das frações de classe da burguesia em sua atuação subordinada no Brasil e na América Latina. Temos o texto de Paulo Villaça, *Sociedade Rural Brasileira (SRB): Mediação Política e Relações Internacionais – a indústria pastoril exportadora brasileira (1920-1930)*, que constrói uma análise histórica sobre a formação e desenvolvimento da SRB entre as décadas de 1920 e 1930. O pesquisador contribui com os estudos sobre a entrada do capital externo na economia brasileira, por meio da investigação do desenvolvimento da indústria pastoril exportadora no país a partir da articulação do grande capital nacional associado ao grande capital internacional.

Em seguida, o artigo *Poulantzas e o regionalismo latino-americano*, de Gustavo Botão, analisa o regionalismo latino-americano por meio da Teoria Marxista de Estado de Nicos Poulantzas, tecendo argumentos que avaliam como as diferentes fases da integração regional, como o período de retrocesso nos últimos anos, podem ser vistas como reflexos das diferentes configurações dos blocos no poder nos Estados economicamente e politicamente mais influentes na região. Seguindo as discussões sobre as frações da burguesia brasileira, Gabriel Kanaan propõe um debate sobre a utilização do conceito de burguesia interna para a análise do bloco no poder durante os governos petistas,

anunciando a questão no próprio título do artigo: *Foi a burguesia brasileira interna? Política externa, luta de classes e tensões interburguesas de escala nos governos do PT*. Para tanto, o autor explora o posicionamento de atores que fariam parte da burguesia interna em arquivos de telegramas enviados pela embaixada e consulados dos Estados Unidos no Brasil para Washington de 2003 a 2010, publicados pela WikiLeaks.

Artigos aqui também analisam temas extremamente contemporâneos, no que tange à recepção dos mesmos nas agendas de pesquisa da disciplina. Entre eles, temos o debate sobre organizações internacionais e educação pública no Brasil, no artigo *O Banco Mundial e a agenda educacional no Brasil a escola na era das finanças*, da pesquisadora Poliana Ferreira. A autora busca analisar a agenda do Banco Mundial para a educação no ensino médio brasileiro, considerando o contexto de financeirização e, mais recentemente, os impactos do cenário pós-pandemia de COVID-19. Ainda sobre temas pujantes na conjuntura, o dossiê traz o debate urgente sobre migrações internacionais, no artigo *Economia Política do Refúgio: a experiência do acolhimento a venezuelanos/as no Brasil*, de Ariane Paiva. A autora analisa os processos de organização do sistema internacional de proteção aos sujeitos refugiados à luz da teoria crítica marxista, sustentando que os fluxos de migrações transnacionais contemporâneas são expressões das lutas de classes e que refugiados, como categoria particular dos processos migratórios, fogem à análise econômica das agências internacionais para diferenciá-los dos chamados migrantes econômicos, reforçando, no nível internacional e nas políticas nacionais, os valores liberais dos direitos humanos, cumprindo papel ideológico, político e diplomático no sistema interestatal. Por fim, temos o artigo *Anatomia de uma crise globalização, neoliberalismo e extrema-direita no Brasil*. No texto, Octavio Oliveira, Marcos Araújo e Lucas Belffi trazem uma reflexão teórica sobre o governo de Jair Bolsonaro, considerando a eleição do atual presidente como fruto de uma convergência de interesses entre setores da sociedade brasileira e grupos capitalistas transnacionais,

recompondo um bloco histórico alinhado com as dinâmicas da ordem (neo)liberal posta e ascendida desde os anos 1990.

Longe de representar toda a diversidade de vertentes marxistas e de objetos de pesquisa, o vislumbre oferecido aqui toca tanto no desenvolvimento teórico do percurso do Marxismo quanto nos fenômenos contemporâneos que vêm informando nossas escolhas de objeto. Isso inclui, ainda, a arte *Para llevar?*<sup>1</sup>, de autoria do artista Walter Díaz Moreno, que foi gentilmente cedida para ilustração da capa. A imagem faz parte das exposições de *Cartazes Anti-imperialistas* organizadas pela Jornada Internacional de Luta Anti-imperialista e pelo Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Para nós, a totalidade da vivência no globo terrestre, encapsulada dentro da sacola *to go*, no desenho sinaliza não apenas o fenômeno da força integradora do capitalismo global, de sua tendência mercantilizada e seu caráter destrutivo; como também diz muito sobre o contínuo desenvolvimento da teoria e da adaptação do/a pesquisador/a a essas mudanças estruturais no seio do capitalismo. Representa bem, portanto, tanto a intencionalidade que motivou o dossiê como as contribuições apresentadas no mesmo.

Boa leitura!

Caio Bugiato  
Luana Forlini  
Mariana Davi Ferreira  
Rafael Alexandre Mello

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://antiimperialistweek.org/en/exhibitions/capitalism/>. Agradecemos o artista e o Instituto pela autorização do uso da imagem.

## Referências

IANNI, Octavio. Imperialismo na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1974.

PRASHAD, Vijay. Chegamos ao ano novo batendo nossos martelos e balançando nossas foices. Coluna. Brasil de Fato. 04 de Janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/04/chegamos-ao-ano-novo-batendo-nossos-martelos-e-balancando-nossas-foices> Acesso em: 19 jan. 2022.

TROTSKI, Leon. A história da revolução russa. Vol. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1977.